

## Um Marco Zero Fracassado – A Passagem da Terra ao Mar em Oswald de Andrade

Mestrando Fernando J. C. Bastos Neto<sup>1</sup> (UFSC)

### **Resumo:**

*Busca-se, aqui, seguir os passos de Oswald, e analisar o Marco Zero como um último esforço, fracassado, de conciliar antropofagia e marxismo. Neste sentido, lá onde Oswald de Andrade falha é que prestaremos mais atenção: o quinto volume de Marco Zero estaria dedicado à “presença do mar”, no caso, ao imperialismo. Defenderemos, então, que é a oposição dicotômica entre Terra e Mar que o leva a abandonar o projeto ambicioso do Marco Zero e impulsiona Oswald a arriscar-se no caminho da antropofagia filosófica. Nossa hipótese, contudo, está em afirmar que os descaminhos de Oswald entre o Mar e a Terra podem nos levar até a psicanálise: sobretudo o último Lacan, de Lituraterra e da clínica do real, em que “decisiva é somente a condição de litoral”. Se não absolutamente incompatíveis, ao menos abertas a uma experiência de atrito: experimentadas enquanto litoral. Ou, em lacanês: lituraterrar.*

**Palavras-chave:** Antropofagia, Oswald de Andrade, Psicanálise, Lacan, Terra

### **O Marco Zero Fracassado**

"Poucos têm a coragem e a volúpia do zero", afirma Decio Pignatari, em seu texto "Marco Zero de Andrade". Tratar a relação com o Zero a partir da coragem e da volúpia me parece uma aproximação adequada. De fato, é necessária coragem para afirmar o início de uma série, o começo de algo. De alguma maneira, é o gesto do mestre que instaura o S1, o significante-mestre. Afirmar o Zero é afirmar um novo começo. Um começar de novo. Mas a posição solitária de Oswald, evidentemente excessiva, é uma pedra no sapato. Não apenas por este autor ser um desafio intelectual aos muitos que tentam capturá-lo, entendê-lo e tirar consequências teóricas e políticas de seus pensamentos. Oswald é osso duro de roer. É assim, à medida que seu pensamento não nos relegou nenhum tipo de "ismo". Muitos de nós, nesta mesa, o temos como mestre: de fato, o Marco Zero do qual Oswald de Andrade é o significante pode operar como um determinado S1 — mas ele não é, nem teria como, o único. Para isto, vou antecipar a questão própria desta comunicação: é de causar um determinado espanto, considerando que o romance Marco Zero, o projeto intelectual mais audacioso de Oswald de Andrade, o de alguma maneira mais megalomaniaco, mais extenso, aquele com o nome mais pretensioso "Marco Zero", cujo tema fundamental é a Terra, a luta fundiária, as populações camponesas do interior do Brasil, o Chão, enfim, é de causar legítimo espanto a seguinte passagem de Deleuze, a respeito das Ilhas Desertas:

O homem só pode viver bem, e em segurança, ao supor findo (pelo menos dominado) o combate vivo entre terra e o mar. Ele quer chamar esses dois elementos de pai e mãe distribuindo os sexos à medida do seu devaneio. Em parte, ele deve persuadir-se de que não existe combate desse gênero; em parte, ele deve fazer de conta que esse combate não ocorre. (DELEUZE, 2006. p. 17)

O impulso do homem, esse que o conduz em direção às ilhas, retoma o duplo movimento que produz as ilhas em si mesmas. Sonhar ilhas, com angústia ou alegria, pouco importa, é sonhar que se está separado, ou que já se está separado, longe dos continentes, que se está só ou perdido, ou, então, é sonhar que se parte do zero, que se recria, que se recomeça. (...) Não basta que tudo comece, é preciso que

tudo se repita, uma vez encerrado o ciclo das combinações possíveis. O segundo momento não é aquele que sucede o primeiro, mas é o reaparecimento do primeiro quando se encerrou o ciclo dos outros momentos. (DELEUZE, 2006. p. 18)"

O mar é, portanto, a condição de possibilidade de se recomeçar o mundo. É o espaço inabitado a partir do qual as ilhas desertas, aquelas compostas por corais, fruto do acaso e da contingência, não necessariamente aquelas que se deslocaram do continente — como Florianópolis, por exemplo. Não acredito que tenha sido um caso puramente fortuito o fato de Freud ter nomeado, no Mal-Estar na Civilização, de "sentimento oceânico" a relação quase religiosa de completude e entusiasmo que perpassa a criação artística. Mas em Freud, como em toda psicanálise, há profundas suspeitas com relação a este sentimento de profunda comunhão e completude com tudo o que está aí. Entusiasmo também quer dizer em *theos*, isto é, em Deus. Por isso, a criação *ex nihilo* é a própria estrutura do gênesis da Bíblia: no princípio era o Verbo. Só há o Zero depois que já existe o Um. É ao nomear o Vazio que Deus se faz Deus. Como sabemos, não é esta a posição de Deleuze: o acontecimento deleuziano é da ordem de uma repetição. Também é assim com Oswald, em texto de 1926, redigido para ser o prefácio de Serafim Ponte Grande: "Transponho a vida. Não copio igualzinho. Nisso residui o mestre equívoco naturalista. A verdade de uma casa transposta na tela é outra que a verdade na natureza. Pode ser até oposta. Tudo em arte é descoberta e transposição." (ANDRADE, 1991. p. 45) Mas o Oswald do qual tratamos, especificamente o Oswald da década de 30 e década de 40, tem as suas peculiaridades. Do front da vanguarda modernista, aos quadros do partido comunista depois do encontro com Luis Carlos Prestes, no Uruguai, no ano de 1931, bem como o seu acerto de contas com o comunismo em 45 em sua tese a Crise da Filosofia Messiânica. Uma leitura preliminar nos leva a uma catalogação simplista das "três fases" de Oswald. De antropófago a marxista, até, finalmente, a "subsunção" (para usarmos a terminologia hegeliana) dos dois pólos aparentemente opostos. Um dos meus pontos de partida, contudo, é que esta catalogação nos faz perder todo o processo de construção do pensamento antropofágico. Com suas indas e vindas, suas aparentes (e às vezes, verdadeiras) contradições, perdemos alguma coisa que permaneceu — isto é, que sempre se repetiu, mesmo nos momentos em que Oswald trabalhava na apologética e defesa da União Soviética de Stálin. Mas, afinal de contas, o que de fato levou um antropófago auto-declarado anarquista ao encontro do PC brasileiro?

ENCONTRO COM MARX- Conte como foi que você aderiu ao comunismo?

- Por culpa de Patrícia Galvão. Ela fizera uma viagem a Buenos Aires, onde realizou um recital de poesia. Voltou com panfletos, livros e uma grande novidade:

- "Oswald, tem o o comunismo... Conheci um camarada chamado Prestes. Ele é comunista e nós também vamos ficar. Você fica?"

- Fico. (ANDRADE, 1990. p. 234)

Para tentar elaborar esta pergunta, meu projeto de dissertação parte do insólito jornal proletário O Homem do Povo, editado por Pagu e Oswald entre os dias 27 de março e 13 de abril do ano de 1931. Aqui podemos dizer que se inicia o período propriamente stalinista dos autores. Não preciso sequer afirmar que, obviamente, para praticamente toda a crítica este período inaugurado pelo panfleto de Oswald e Pagu representa o que há de mais enfadonho no pensamento antropofágico (se é que ainda chamam assim). Um desvio de rota. De fato, reconheço que talvez esta não seja a fase mais profícua, mais criativa e impactante do pensamento oswaldiano. Mas é certamente a menos estudada. Assim, cito Augusto de Campos:

Sem dúvida, aqui não se encontrarão as grandes páginas de invenção estilística de

João Miramar e Serafim Ponte Grande. A Revista de Antropofagia é mais rica em ideias e em criatividade, e os estereótipos da catequese política estão hoje mais desgastados do que antes. Mas, no desleixo das suas linhas apressadas, no seu amorismo algo provinciano, na sua ingenuidade quixotesca, O Homem do Povo traz, ao lado da marca feroz e veraz da utopia, o rastro literário da modernidade e da paródia que dele fazem como que um prolongamento da 'segunda denteção antropofágica'. Este pasquim proletário não deixa de ser – como eu já afirmei em Pagu vida-obra - um descendente engajado da Revista de Antropofagia. (CAMPOS, 2009. p. 59)

Mas, afinal de contas, além da paixão por Pagu (é impossível levar Oswald a sério sem levar em conta sua paixão), o que fez com que Oswald permanecesse no marxismo mesmo depois de sua separação? Tal pergunta não pode ser facilmente respondida, mas há como buscar algumas pistas. A força do comunismo internacional a esta época, e intenção notada de, ao menos desde o Manifesto Pau-Brasil, acertar o "relógio império da literatura nacional". O marxismo aqui andaria ao lado do existencialismo: aliás, não foi Sartre quem afirmou que o marxismo é o horizonte intransponível de nosso tempo?

Por isso, o Marco Zero, esta tentativa de romance mural, é uma obra tão complexa. Porque é fruto do momento em que é buscada a síntese entre Antropofagia e Marxismo. Foi o momento em que Oswald assumiu a posição de "Casaca de Ferro da Revolução proletária", e adentrou dentro dos quadros do Partido Comunista Brasileiro — sempre visto com desdém pela burocracia do partido, evidentemente. Esta síntese, no entanto, fracassou — e a própria interrupção do projeto do Marco Zero é a maior prova disto. O marxismo de Oswald sempre esteve mais próximo de um determinado "compromisso com o povo", com a rejeição de uma postura elitista e aristocrática de encarar a vida, isto é, nos termos de Oswald, numa frase da Revista Ritmo do ano de 1935: "A massa, meu caro, há de chegar ao biscoito fino que eu fabrico" p. 49. Do que propriamente da exegética econômica d'O Capital, e predominância das forças produtivas sobre as relações de produção. Mesmo a interpretação da luta de classes e do progresso não parecem coadunar com o pensamento antropofágico. Não é fácil, embora seja um empreendimento intelectual respeitável, conciliar pensamento indígena e marxismo.

Neste contexto profundamente complexo, nesta mistura improvável de compreensões e interpretações do mundo, se insere o projeto do Marco Zero. Cabe notar que a proposta inicial abarcava cinco tomos, que eram os seguintes: 1- A revolução melancólica; 2- Chão; 3- O Beco do Escarro; 4- Caminhos de Hollywood; e, finalmente, o volume 5, e último- A presença do mar. Pois bem, o que nos interessa especificamente para este trabalho é debruçar-se sobre aquilo que Oswald não escreveu, apontar para o não escrito. A aposta é que há algo ali da sorte do real, isto é, estamos com Lacan, quando ele diz que "o real é aquilo que não cessa de não se escrever". Como se vê, a parte final, a respeito do mar, não foi escrita. Os dois primeiros tomos, escritos e editados, podem ser compreendidos na temática clássica da oposição entre campo e cidade. De fato, a interpretação padrão do Marco Zero está baseada nestes termos. A questão fundiária, a revolta do latifúndio, a força do interior e, portanto, da terra. Tudo isto faz muito sentido, à medida que o negro e o índio são propriamente forças do interior.

Mas o objetivo deste trabalho é afirmar que é o impasse produzido pela imagem do Mar que impede o avanço do projeto do Marco Zero. O Mar, no Marco Zero, é o ponto a partir do qual se exerce a presença do imperialismo. O gesto Oswaldiano é, dentro da sintonia marxismo, criar uma dualidade dicotômica entre Terra e Mar: isto é, opor as forças da Terra, as forças do interior, à imposição imperialista exercida pelo domínio dos mares — não à toa, o maior império da história do Planeta foi precisamente o Império Vitoriano, cuja marca era precisamente o domínio sobre os mares. É o Mar do Navio Negreiro, o mar das trocas, do comércio. Foi pela dominação dos mares

que o Novo Mundo permitiu a delimitação do mundo e, posteriormente, como estamos vendo aqui neste simpósio, o Fim do Mundo. Hoje, talvez, poderíamos adicionar alguns elementos: o Mar é a acidificação dos oceanos por conta do aumento de temperatura, é a elevação do nível dos oceanos. É o Mar o espaço a partir do qual se redefinem os demais lugares.

Ora, a Antropofagia jamais foi uma sistema dual fundado na dicotomia. É, portanto, desse curto circuito produzido pela identificação direta entre Mar e imperialismo, a oposição dicotômica entre Terra e Mar — que, dentro dessa hipótese que estou desenvolvendo, impede o avanço do projeto do Marco Zero. Neste momento, acredito ter encontrado um ponto de intersecção entre Antropofagia e Psicanálise — duas posições nem sempre com relação amistosa entre si. Em *LituraTERRA*, texto com nome bastante sugestivo, mas obscuro e absolutamente fundamental para o pensamento lacaniano, a literatura é definida como uma "acomodação de restos". Mais do que isto: entre a oposição entre Terra e Mar que aparecem no texto, Lacan é taxativo: decisiva é a posição de litoral.

Rasura de nenhum traço que seja de antes, é o que faz terra do litoral. Litura pura, é o literal. Produzi-la é reproduzir esta metade sem par em que o sujeito subsiste. Tal é a façanha da caligrafia. Tentam fazer esta barra horizontal que se traça da esquerda para a direita para figurar um traço, o um unário como caractere, vocês levarão muito tempo para achar de que apoio ela se sustenta, de que suspense ela se interrompe. Para dizer a verdade, é sem esperança para um ocidentado. É preciso um trem que só se agarre para livrar-se do que quer que seja que lhe risque. Entre centro e ausência, entre saber e gozo, há litoral que só vira ao literal naquilo em que estaviragem possa tomar o mesmo a todo instante. É unicamente disso que você pode se sustentar em relação ao agente que lhe sustenta. (LACAN, 2003)

Aqui, o Marco Zero enquanto romance mural, inspirado nos muralistas mexicanos, (Data de 1935, uma palestra de David Siqueiros no Clube de Artistas Modernos, em que Oswald estava presente. Foi este ano, exatamente, que teve início o projeto do Marco Zero). Criar esta indeterminação entre letra e imagem (que se torna muito evidente dentro da caligrafia oriental) é também o que dá a chave de leitura para entender o abandono do projeto mais ambicioso de Oswald. Havia um descompasso entre a estrutura de seu texto: uma indeterminação entre a oposição de palavras e imagens, com o fundamento teórico escolhido por Oswald, o marxismo.

É possível do litoral constituir tal discurso que se caracterize por não se emitir do semblante? Aí está a questão que só se propõe a literatura dita de vanguarda, a que é feita propriamente do litoral: e que não se sustenta do semblante, mas que nem por isso não prova senão a fissura, a única que um discurso pode produzir, como efeito de produção(LACAN, 2003)

Como afirma Pignatari, da tradição de Mario de Andrade originou Guimarães Rosa. De Oswald criou-se a poesia concreta. De um lado, a língua. Do outro, a linguagem. No seu processo de criação opera o recorte, a colagem, montagem. Processo documentário. Miller afirma em seu texto "a salvação pelos dejetos" que coloca o Surrealismo na conta de Freud. É possível. Por outro lado, é possível afirmar o inverso: não haveria Lacan sem as vanguardas. Assim, arrisco dizer que Litoral é uma outra maneira de dizer: **Baixa Antropofagia.**

## **Referências Bibliográficas**

- 1] ANDRADE, Oswald. Crise da Filosofia Messiânica. Em: Utopia Antropofágica. São Paulo: Globo, 1990
- 2] ANDRADE, Oswald. Estética e Política. São Paulo: Globo, 1991
- 3] ANDRADE, Oswald. Marco Zero I: a revolução melancólica. São Paulo, Globo, 2008.
- 4] ANDRADE, Oswald. Marco Zero II: Chão. São Paulo, Globo, 2008.
- 5] ANDRADE, Oswald. O sentido do interior. In: Estética e Política. São Paulo, Globo. 1992
- 6] ANDRADE, Oswald. Os Dentes do Dragão: entrevistas. São Paulo: Globo, 1990. p.234
- 7] ANTELO, Raul. Quadro e caderno. In: ANDRADE, Oswald de. Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade.
- 8] CAMPOS, Augusto. Notícia impopular de O Homem do Povo. O Homem do Povo. São Paulo: Globo, 2009 p. 59
- 9] DELEUZE, Gilles. A ilha deserta. Tradução: Hilton F. Japiassú. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- 10] GALVÃO, Patrícia. Paixão Pagu: uma autobiografia precoce de Patrícia Galvão. Organizado por Geraldo Galvão Ferraz. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- 11] LACAN, Jacques. Lituraterra. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- 12] MILLER, Jacques-Alain. Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2011

---

i **Fernando BASTOS NETO. Mestrando.**  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
Pós-Graduação em Literatura  
fernando.bastos.neto@gmail.com